VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

O narcisismo e suas ressonâncias atuais: circunscrevendo o fenômeno.

Andrade, Hediany.

Cita:

Andrade, Hediany (2015). *O narcisismo e suas ressonâncias atuais: circunscrevendo o fenômeno. VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-015/686

ARK: https://n2t.net/ark:/13683/epma/7N9

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org.*

O NARCISISMO E SUAS RESSONÂNCIAS ATUAIS: CIRCUNSCREVENDO O FENÔMENO

Andrade, Hediany
Universidade Federal Do Pará. Brasil

RESUMEN
O presente trabalho tem por finalidade discutir a circunscrição do conceito de Narcisismo e suas ressonâncias atuais. Para alcançar tal objetivo privilegiamos o tema do narcisismo tal como descrito pelo arcabouço teórico psicanalítico. Aqui, a psicanálise freudiana revela ser o narcisismo uma condição necessária e indispensável ao desenvolvimento subjetivo de todo humano. Feita esta ressalva, falamos ainda sobre os conceitos que ajudaram a construir a metapsicologia do narcisismo na psicanálise. Sendo eles: narcisismo primário e narcisismo secundário, ideal do eu e eu ideal. Em termos conclusivos, traçamos as ressonâncias do narcisismo na cultura e suas manifestações nas subjetividades contemporâneas. Para isto, aproximamo-nos de alguns outros temas importantes, como o problema do individualismo contemporâneo, as falências nas relações interpessoais e as crises de alteridade.

Palabras clave
Narcisismo, Psicanálise, Contemporaneidade, Subjetividade

ABSTRACT
THE NARCISSISM AND CURRENT RESONANCE: CIRCUMSCRIBING THE PHENOMENON
This study aims to discuss the division of the concept of narcissism and its current repercussions. To achieve this goal we focus narcissism theme as described by psychoanalytic theoretical framework. Here, Freudian psychoanalysis reveals narcissism be necessary and indispensable to the subjective development of every human condition. That said, we still talk about concepts that helped build the metapsychology of narcissism in psychoanalysis. They are: primary narcissism and secondary narcissism, ideal self and ideal self. In conclusive terms, we draw the narcissism of resonances in culture and its manifestations in contemporary subjectivities. For this, we approach some other important issues, such as the issue of contemporary individualism, bankruptcies in interpersonal relations and the otherness of crises.Palabras clave: el narcisismo, y la subjetividad contemporánea

Key words
Narcissism, Psychoanalysis, Contemporary, Subjectivity

O Narcisismo em Freud: Circunscrevendo o Fenômeno
Em termos históricos, a noção de narcisismo aparece utilizada por Freud, pela primeira vez, em uma reunião da sociedade psicanalítica de Viena, em 10 de novembro de 1909, quando tal conceito é associado a um estágio necessário e intermediário entre o autoerotismo e o amor objetal. De acordo com Gay (2012), a primeira aparição pública do termo narcisismo registra-se em uma curta nota de rodapé, acrescentada em 1910, referente à segunda edição dos *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade* (1905/2006). Os estudos prosseguem e em 1910, o tema do narcisismo volta a aparecer em seu trabalho sobre Leonardo da Vinci - *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910/2006), seguindo, mais tarde, a análise do Caso Schreber (1911/2006) e Totem e Tabu (1913/2006). No entanto, é apenas em 1914 que Freud lança o artigo mais profundo e completo sobre este tema. De acordo com Amaral (1997), *À guisa de Introdução ao narcisismo* (1914/2004) se apresenta como uma obra que pretende dar tratamento teórico a tudo aquilo que já vinha sendo observado sobre a clínica do narcisismo na psicanálise. Nesta obra, Freud descreve o narcisismo como fazendo parte do processo de constituição do eu, instância que não existe desde o nascimento da criança, precisando ser desenvolvida. Psicanaliticamente falando, o narcisismo se apresenta como uma etapa necessária e fundamental ao desenvolvimento psíquico normal do sujeito, etapa esta que se origina a partir do retorno dos investimentos objetais em direção ao eu: "... a libido retirada do mundo exterior foi redirecionada ao eu, dando origem a um comportamento que podemos chamar de narcisismo" (Freud, 1914/2004, p. 98).
Com efeito, é neste texto que a discussão sobre o narcisismo avança, dando, por sua vez, surgimento a novas elaborações teóricas, como: *narcisismo primário e secundário, libido de eu e libido objetal, e as instâncias ideais: eu ideal e ideal do eu.* Descrevendo parcialmente estes conceitos, o narcisismo primário e secundário enquanto elementos que subdividem o narcisismo, a libido do eu e a libido objetal como os destinos possíveis ao investimento libidinal. E, as noções de eu ideal e ideal do eu como terminologias necessárias à construção do aparelho psíquico, sendo o eu ideal uma instância criada pelo próprio eu, na qual o sujeito erige a si mesmo como modelo ideal, estando toda a libido investida narcisisticamente sobre si e o ideal do eu o representante do mundo externo e da cultura. Para tornar mais claro, delinearemos a partir de agora algumas das especificidades narcísicas de cada conceito, tomando como referencia, principalmente, o arcabouço teórico da psicanálise freudiana de 1914.

Narcisismo Primário e Secundário
Seguindo a descrição do texto de 1914, o narcisismo primário caracteriza-se como uma etapa presente logo no inicio da infância, onde a libido encontra-se totalmente investida no eu da criança. Nesta relação, o outro enquanto figura alteritária participa do processo de constituição do eu. No entanto, um ponto a ser destacado é que a presença desta alteridade, normalmente representada pela

figura da mãe ou cuidador, ainda não é reconhecida pela criança. Pensemos a relação mãe-bebê na explicação deste processo.
Desse modo, no narcisismo primário, a figura da mãe funciona em um primeiro contato da criança com o objeto, sendo esta relação estabelecida de maneira incipiente, daí a explicação para o não reconhecimento da criança. Dito de outra forma, o pequeno infante não reconhece que a figura da mãe se apresenta como um agente externo a ele e responsável pelo seu cuidado e alimento. Porém, compreende esta figura como fazendo parte de seu próprio mundo, de seu eu, conforme nos traz a ideia de onipotência infantil, tão mencionada por Freud na obra de 1914.
Adentrando no narcisismo secundário (segunda fase do narcisismo, cuja existência da alteridade ou de um outro externo ao eu já é reconhecida), a característica deste narcisismo é a possibilidade de investimento libidinal em outros objetos que não sejam necessariamente o seu eu. Desse modo, a libido transferida aos objetos retorna ao eu numa tentativa de resgatar a onipotência experimentada na primeira fase do narcisismo, quando a libido estava sobremaneira investida sobre a própria pessoa.

As instâncias ideais: Eu ideal e Ideal do eu

Mantendo uma relação com o narcisismo primário, o eu ideal se concentra em uma etapa na qual o pequeno infante erige a si mesmo como modelo único e ideal, estando toda a libido investida narcisicamente sobre si. Segundo Freud (1914/2004), o investimento de libido no eu impede qualquer possibilidade de entrada de outro objeto que não seja ele mesmo. É como se o eu, investido de libido, se colocasse no centro do universo e tudo girasse em torno de si. Nesse traçado, o eu enquanto ideal aparece privilegiado com um absoluto poder, colocando-se "de posse de toda valiosa perfeição e completude" (FREUD, 1914/2004, p. 112).
O eu ideal seria, como alude Miguelez (2007), o produto do olhar libidinoso dos pais, em especial da mãe, o qual transforma o desamparo originário da criança em onipotência narcísica. É a mãe, por sua vez, que nomeia as necessidades e sentimentos do pequeno infante, que interpreta a dor que está por traz dos seus choros e gritos e o silêncio que, muitas vezes, o rodeia. Nas palavras de Birman (2009), "pelo choro o infante evidencia a sua perturbação e impotência para lidar com ela, demandando que o outro o acuda diante desse impasse crucial" (p. 126).
Por esta razão, a menção dada por Freud à ideia de "sua majestade o bebê" representa aqueles ideais narcísicos parentais que foram parcialmente abandonados. Logo, o narcisismo abandonado dos pais é o elemento que influencia na formação narcísica dos filhos. Dessa maneira, a primeira referência de um eu recebido pelo bebê seria justamente aquele constituído e informado pela figura dos pais. O interessante é que esta projeção narcísica fabricada pelo desejo e discurso parental já aparece, muitas vezes, bem antes do bebê existir, biologicamente falando. Assim, conforme aponta Jordão (2011), os adultos projetam sobre a criança seu próprio narcisismo, sendo a partir do processo inverso, a introjeção, que esse bebê poderá ou não apropriar-se dele, tomando-o como sendo o seu. Com efeito, um narcisismo transpassado de pais para filho.
O contato do eu com o conjunto de valores advindos da sociedade e da cultura, como por exemplo, a família, a escola e o meio social vivenciado pelo infante, propicia o abandono da ideia de completude absoluta trazida pelo eu ideal e um encontro com um ideal do eu. O ideal de eu, por seu turno, seria o encontro do indivíduo com o mundo da cultura e da civilização, tornando-se, portanto, um importante instrumento no processo de socialização da criança.
A inserção da criança em um mundo externo a ela, que não seja necessariamente o de seus pais, permitirá a entrada no universo simbólico e, por conseguinte, o encontro com a alteridade. De acordo com Clara (2007), o contato do eu com a realidade externa, ao mesmo tempo em que favorece o reconhecimento da alteridade, a partir da entrada de outro, situa o eu no mundo dos objetos e da civilização, levando-o a descentralização de uma vida que vai além do "próprio umbigo". Para Freud (1914/2004), o ideal do eu se constitui em uma importante etapa na construção do aparelho psíquico. Isso porque é por intermédio dessa formação intrapsíquica que a criança renuncia à existência de um eu narcísico, no qual tudo girava em torno de si. Descontruindo, portanto, a antiga fantasia de onipotência e soberania, cuja certeza acreditava possuir.
É no ambiente familiar e escolar, por exemplo, que as crianças aprendem pela primeira vez noções como: viver em sociedade, o respeito à autoridade, a lidar com as diferenças, com a tolerância em relação à frustração, com a aceitação das regras coletivas, dentre outras situações, as quais envolvem tanto cumprimento de papéis como o estabelecimento de limites. Logo, a criança compreende que nem sempre é possível fazer tudo aquilo que deseja, existindo, pois, regras e valores que deverão ser cumpridas para a sua inserção no social. Por conseguinte, é a imposição de limites instaurada pela sociedade somada à influência crítica dos pais, que se instaura no psiquismo o modelo ideal de consciência que deverá ser atingido pelo eu adulto.
Contudo, uma vez feitas às considerações dos caminhos tomados por Freud em sua leitura psicanalítica do narcisismo (*narcisismo primário e secundário, eu ideal e ideal do eu*), cabe adentrar ao nosso fio condutor, a saber: as emergências do narcisismo na cultura e suas ressonâncias nas subjetividades contemporâneas. É o que tentaremos sintetizar a seguir nos últimos parágrafos deste trabalho.

Narcisismo na Cultura e suas Ressonâncias na Vida Subjetiva

O título do presente tópico emana de uma leitura da análise de Christopher Lasch (1983) sobre a vida norte-americana no final da década de 70, em uma interlocução com os padrões de comportamento narcísico presenciados no país. Numa apreciação crítica do assunto, o autor utilizou o termo "Cultura do narcisismo", pois, enquanto fenômeno social, o narcisismo estaria fazendo parte da personalidade dos americanos. Segundo o autor, questões como a trivialidade, a busca pela felicidade a todo custo, o imediatismo, o individualismo, a preocupação centrada no eu, dentre outros apontamentos narcísicos estavam dominando a cultura americana. Em consonância com os problemas vivenciados na época, qualquer esperança quanto ao futuro da nação estaria fadada ao declínio.
Semelhantemente, a cultura contemporânea apresenta elementos que corroboram o mal-estar descrito por Lasch (1983). O gosto pelo efêmero, a necessidade de se sentir valorizado, o individualismo competitivo, o culto à bela forma, a deterioração dos relacionamentos amorosos, dentre um grande número de situações que nos levam a considerar as nuances desta cultura como não apenas narcisista, mas, principalmente, como promotora de narcisismo.
Vivemos hoje em uma sociedade onde as exigências imediatas da temporalidade aceleram as nossas ações, na velocidade do tempo as satisfações precisam ser saciadas/realizadas instantaneamente no aqui e agora. Nota-se a ganância para a realização dessas ações a partir da observação do mundo globalizado, onde uma imensa variedade de ofertas e serviços surge diariamente, proporcionando cada vez mais bem-estar para a população que pode pagar por isso. Somado a esta situação, há o brilhantismo tecnológico e suas infindáveis inovações que prometem deixar o mundo à disposição em apenas um clique. E, assim, é com o poder do capital financeiro

em mãos que a cultura do narcisismo é alimentada.

Corpos são cada vez mais embelezados pelos rituais de estética e academias, enquanto as cirurgias plásticas escondem as marcas do tempo, dando margem às performances do espetáculo da vida (Debord, 1992). O consumo de objetos preenche o vazio de existir e transforma a civilização em um eterno campo de cultivo, no qual a felicidade deve ser plena e a tristeza, caso exista, mascarada. O que resta então para o futuro psíquico destes novos homens "fabricados" por esta cultura do narcisismo?

Não obstante, essas relações narcísicas acabam culminando em situações como o desaparecimento da alteridade, a desconstrução dos ideais coletivos, enfraquecimento das relações humanas e dos laços sociais. Desse modo, no limiar da atual cultura o ideal do eu vira eu ideal e os investimentos libidinais que deveriam ser destinados a ordens externas ao sujeito, acabam retornando unicamente para si, tal como a visão de um espelho que estivesse devolvendo ao eu o reflexo de sua imagem. Isso porque na autossuficiência narcísica pega mal depender do outro. Por isso mesmo, o indivíduo deve ser sempre capaz de resolver sozinho as suas questões, demonstrando continuamente o poder de competência envolto em suas ações.

A explicação de Costa (2004) acerca da existência, no narcisismo, de uma identidade baseada no "sentimento de si" nos auxilia a compreender esta causticante posição individualista, tão comum em nossa cultura. Segundo o autor, o narcisista cuida apenas de si porque aprendeu que a sua felicidade depende unicamente de alcançar uma satisfação das suas necessidades pessoais, tornando-se, portanto, indiferente a um compromisso social ou afetivo com outras pessoas. Com efeito, "... família, pátria, Deus, sociedade, futuras gerações só interessariam ao narcisista como instrumentos de auto-realização, em geral entendida como sucesso econômico, prestígio social ou bem-estar físico e emocional" (Costa, 2004, p. 185).

E quando essa exaltação do eu, tão exigida pelo indivíduo narcisista, não é alcançada? E quando, no lugar da onipotência narcísica, encontramos a imagem de um homem fraco, perdedor e impotente? O fracasso do funcionamento psíquico em alcançar a glorificação do eu, a impossibilidade em adquirir os ideais e estereótipos apresentados e enfatizados pela mídia e pela publicidade e o impasse por não poder usufruir dos objetos de consumo oferecidos pelo mercado da globalização capitalista, são algumas das circunstâncias desencadeadas em meio às falsas promessas de satisfação absoluta, produzidas pela cultura (LASCH, 1983 e DEBORD, 1992). Sendo, tais situações, ainda configuradas enquanto fatores responsáveis pela ferida narcísica, resultantes de muitas formas de mal-estar psíquico e subjetivo encontrados na atualidade.

Considerações Finais

Em nossa releitura do narcisismo na psicanálise afirmamos, seguindo Freud (1914/2006), que, o conceito de narcisismo se revela como uma etapa necessária e indispensável ao desenvolvimento subjetivo de todo humano, em outras palavras, se coloca como o inicio da constituição do eu. Estando os elementos do *narcisismo primário e secundário*, o *eu ideal* e *ideal do eu*, como fazendo parte deste processo.

Na análise do narcisismo na cultura, procuramos discutir a maior ou menor permanência, na atual cultura, do narcisismo enquanto fenômeno social e suas consequências nas subjetividades contemporâneas. Nesse traçado, as suas emergências puderam ser diagnosticadas através de características como: o individualismo, a autossuficiência, a preocupação exagerada apenas com os próprios interesses e a indiferença perante as necessidades do outro, a fragmentação dos laços sociais e o não reconhecimento da alteridade.

Comparando o texto freudiano de 1914 com este momento contemporâneo do século XXI, não é de se estranhar que tais sintomatologias individualistas nos remetam a um retorno ao narcisismo infantil pensado por Freud em *Á Guisa de Introdução ao narcisismo* (1914/2004), em que o eu, enquanto ideal e investido de libido, impedia quaisquer entrada de objeto que não seja ele mesmo. Nesse traçado, e em termos conclusivos, somos obrigados a concordar com a suposição de Christopher Lasch (1983) sobre a existência de uma sociedade intrinsicamente narcísica, cujas ressonâncias afetam as subjetividades contemporâneas em suas diferentes proporções.

BIBLIOGRAFÍA

Amaral, M. G. T. (1997). Os Aspectos Arcaicos do Narcisismo em Freud. In: O Espectro de Narciso na Modernidade: De Freud a Adorno. São Paulo, SP: Estação Liberdade.

Birman, J. (2006). Subjetividades contemporâneas. In Arquivos do mal-estar e da resistência (pp. 173-195). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

Birman, J. (2009). As pulsões e seus destinos: Do corporal ao psíquico. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

Clara, C. J. S. S (2007). Melancolia e narcisismo: A face narcísica da melancolia nas relações do eu com o outro. Revista Mental vol. 5. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S167944272007000200009&script=sci_arttext Acesso: 17/09/2012.

Costa, J.F. (1991). Narcisismo em tempos sombrios. In. Tempos do desejo: Sociologia e Psicanálise (pp. 109-136). São Paulo, SP: Editora brasiliense.

Debord, G. (1997). A sociedade do espetáculo. (www.terravista.pt/Ilhado-Mel/1540, trad.). Rio de Janeiro: Contraponto (Trabalho original publicado em 1967).

Freud, S. (2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro, RJ: Imago (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (2006). Leonardo da Vince e uma Lembrança de sua Infância. In Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 11, pp. 66-99). Rio de Janeiro, RJ: Imago (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (2006). Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um caso de Paranoia (Dementia Paranoides). In Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 15-89). Rio de Janeiro, RJ: Imago (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, S. (2006). Totem e tabu. (1913). In Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 13, pp. 13-162). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1913).

Freud, S. (2004). À Guisa de Introdução ao Narcisismo. In Escritos sobre a psicologia do inconsciente. (Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns, Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro, RJ: Imago (Trabalho original publicado em 1914).

Gay, P. (2012). Freud uma vida para o nosso tempo. São Paulo, SP: Companhia das Letras - 2º edição.

Jordão, A. (2011). Narcisismo: do ressentimento à certeza de si. Curitiba, PA: Juruá.

Lasch, C. (1983). A cultura do narcisismo: A vida americana nua era de esperanças em declínio. Tradução [de] Ernani Pavaneli. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Miguelez, O. M. (2007). Narcisismos. São Paulo, SP: Editora Escuta.